

Bahia

A história de união e associativismo da comunidade de Tatu em Correntina-BA



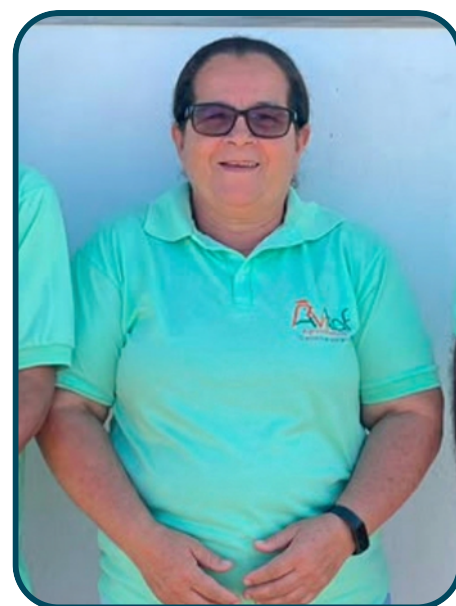
A trajetória da Associação de Desenvolvimento Comunitário de Tatu (ASTAC), localizada em Correntina (BA), é um testemunho de como a organização popular e o associativismo são pilares fundamentais para a construção do Bem Viver no campo. Essa caminhada começou a ganhar forma a partir dos encontros dominicais da catequese, o principal espaço de articulação local na época.

Foi a partir do amadurecimento dessas reuniões e das discussões trazidas pela Escola Família Agrícola Padre André (EFAPA) que a comunidade despertou para a necessidade de se organizar socialmente. A ASTAC foi fundada em 1999, mas antes disso, o grupo dedicou dois anos a um profundo trabalho de formação sobre cidadania, projetos e associativismo, contando com o apoio de lideranças da região de Correntina, como Oldaci, Iremar, Antônio Reis, Jandira, Edílson e Genival. Esse tempo de preparação foi essencial para que a associação nascesse com bases sólidas, consciente de que a cooperação verdadeira se constrói com pé no chão e clareza política.

No início, a expectativa de resultados financeiros rápidos atraiu um grande número de pessoas. No entanto, quando a realidade do trabalho comunitário se impôs, muitos se distanciaram, e o grupo se consolidou com 26 sócios que hoje dão vida à organização. A opção pelo caminho do associativismo, em detrimento do trabalho individual, revelou-se a principal estratégia de resistência e permanência digna na terra. No Tatu, o esforço compartilhado alivia o cansaço da lida e transforma a atividade produtiva em um espaço de constante aprendizado mútuo.

Mais do que gerar renda, a associação tornou-se um escudo contra o êxodo rural, garantindo que as famílias não precisassem abandonar suas raízes nos períodos de estiagem. Como relata uma das sócias fundadoras conhecida como Diva:

*"Nossa maior conquista não é ter o bolso cheio de dinheiro, mas é não precisar ficar migrando para outras cidades, outros estados atrás de trabalho. Porque a gente tá aqui, todo dia você levanta e tem o que fazer, e se não fosse a nossa associação e os projetos, muitos de nós já tinha que ter saído. **É sobre viver bem no nosso lugar.**"*



Atualmente, o quadro social conta com sete mulheres, sendo uma jovem. Ampliar a participação feminina e da juventude nos espaços de decisão e de produção continua sendo um dos grandes objetivos do grupo, tanto para fortalecer a equidade de gênero quanto para acessar linhas de projetos específicos que exigem essa representatividade.

A capacidade de convivência com as transformações climáticas do Semiárido ficou evidente na transição das atividades econômicas da comunidade. Durante 11 anos, as famílias operaram coletivamente uma fábrica de rapadura, impulsionada pela abundância de cana-de-açúcar e água na região. Contudo, com a diminuição das chuvas e a consequente seca das fontes hídricas locais, a cultura da cana ficou inviável. Diante do desafio, os associados buscaram novas saídas.

Com o conhecimento técnico de um dos colaboradores da comunidade, Tião, nasceu a Agroindústria da avicultura familiar do Tatu (Avitaf), que opera em uma dinâmica mista: a criação dos frangos é feita de forma individual nos quintais de 12 famílias criadoras, enquanto o abate é realizado conjuntamente na agroindústria comunitária.

A produção é organizada em lotes com ciclos de 90, 60 e 40 dias, garantindo um planejamento que abastece o mercado o ano inteiro, com dois abates semanais que somam cerca de 500 aves. A comercialização atualmente atende ao Colégio Estadual (CETIC) e ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que distribui o frango por meio do CRAS para famílias em situação de vulnerabilidade, além de fornecerem para encomendas locais.



Enquanto o sistema industrial prioriza o confinamento total e o uso intensivo de insumos externos, o frango produzido na comunidade valoriza a sociobiodiversidade e o bem-estar animal. Nos primeiros 30 dias, os pintinhos recebem cuidados mais concentrados para o desenvolvimento inicial; a partir desse período, têm acesso livre aos piquetes e sua alimentação é enriquecida com recursos locais, como mandioca, moringa e cana-de-açúcar.

Esse modo de produção trata-se ainda de um bom exemplo de economia solidária que faz a riqueza circular internamente, gerando diárias de trabalho no abate para os moradores da comunidade e movimentando o comércio do município. Como destaca o atual presidente da associação, Jailton:



"A importância também está vinculada à economia do município, da comunidade, quando a gente fala de associação, de projetos não beneficia só os sócios, mas a comunidade inteira. Por exemplo, a nossa agroindústria hoje fomenta a economia. Para os frangos vamos no mercado comprar a matéria prima, no abate a gente paga pessoas para trabalhar e o dinheiro vai circulando dentro da nossa comunidade e cidade."

A ASTAC já abriu as portas para uma série de projetos que transformaram a realidade local: a instalação da fornalha e compra do engenho motorizado (na época em que trabalhavam com a produção de rapadura), a construção de 70 sanitários domiciliares que atenderam toda a comunidade, a implantação de 20 galinheiros e, em parceria com o Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), o cercamento, a recuperação ambiental de 27 quilômetros de cabeceiras de córregos e veredas, dentre outros projetos.



A comunidade conta com um espaço físico — a sede da associação — que é utilizado para diversas atividades, desde celebrações religiosas e eventos culturais até momentos de lazer. O local também recebe visitantes e estudantes para intercâmbios e trocas de experiências.

A comunidade do Tatu também é rica em manifestações culturais, como o reisado, samba de roda, chula e rezas, tradições que unem a população local.

Como lição para outras comunidades que buscam a organização, as lideranças locais enfatizam que o caminho exige persistência e que as dificuldades não devem ser um obstáculo para a mobilização. Para eles, o segredo do sucesso reside em somar a boa vontade de cada um à necessidade coletiva, mantendo sempre a união e a confiança mútua. Seu Florencio, conhecido como Flor, um dos sócios fundadores deixa um conselho valioso para quem busca o caminho da organização popular:

"Não olhar para as dificuldades, porque se for olhar para isso ninguém se organiza e se apegar à boa vontade e à necessidade de todo mundo. E aí chega onde a gente quer."

